

PARA UMA POLÍTICA DE MEDIAÇÃO EM LEITURA

Regina Zilberman¹

RESUMO: Ler corresponde à decodificação de sinais gráficos extraídos do alfabeto de uma língua. Mas significa, de modo mais amplo, o deciframento dos modos de manifestação dos seres humanos e do mundo. Nesse caso, entende-se o mundo como uma linguagem dotada de sentido. Também a mediação pode ser definida de, pelo menos, duas maneiras: no primeiro caso, enquanto transmissão de uma mensagem ou um conteúdo de um sujeito a outro, logo, enquanto uma espécie de tradução. Mas ela constitui o pressuposto de toda relação do indivíduo com o real. A proposição de tarefas de mediação bem como sua aplicação supõem a compreensão desses dois conceitos: de leitura e de mediação.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; narrativa; mediação; escrita.

ABSTRACT: Read means the decoding of graphic signs of the alphabet of a language. But it also means, in a more broadly sense, the deciphering of the modes of manifestation of human beings and the world. In this case, we understand the world as a language provided with signification. Also mediation can be defined in at least two ways: in the first case, as transmission of a message or a content from one individual to another, therefore, as a kind of translation. However, mediation is the basis of all the individual's relationship with the real. The proposition of mediation tasks as well as their application suppose the comprehension of these two concepts: reading and mediation.

KEYWORDS: reading; narrative; mediation; writing.

LEITURA DE MUNDO

Em 1938, Graciliano Ramos publicou o romance *Vidas secas*, protagonizado por uma família de retirantes nordestinos, formada pelo vaqueiro Fabiano, a esposa, Sinhá Vitória, e os dois filhos, identificados como o menino mais velho e o menino mais novo. Quando o romance inicia, essa família, acompanhada pela cachorra Baleia e um papagaio, caminha pelo sertão em busca de um novo local para se estabelecer, pois foge da seca que assola as terras em que residia. Ao final dos treze capítulos que constituem o livro, Fabiano, com sua gente, depois de encontrar uma pequena

¹ Doutora em Romanística - Universidade de Heidelberg (Ruprecht-Karls) (1976), e pós-doutorado no University College (Inglaterra) (1980-1981) e Brown University (EUA) (1986-1987). Atualmente é professora adjunta do Instituto de Letras, da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras.

propriedade em que se assenta e trabalha para o senhor daquelas terras, precisa outra vez partir, porque de novo se apresenta a seca, ameaçadora da sobrevivência do grupo. Embora não goste da alternativa, opta por se dirigir a uma grande cidade, onde todos talvez venham a ter – ou, ao menos, seus filhos – mais oportunidades de emprego.

As personagens de *Vidas secas* – pobres e despossuídos, iletrados e retirantes, logo, desterritorializados – posicionam-se na parte mais inferior da pirâmide socioeconômica brasileira do período representado no livro. Carentes de propriedade material e desprovidos de qualquer apoio dos aparelhos institucionais do Estado, não se identificam com um lugar específico onde se fixar. Sua indignação é tal que Fabiano, sobretudo, mas também às vezes seus filhos, qualificam-se de animais. “– Você é um bicho, Fabiano”, diz às vezes o protagonista para si mesmo, não para se depreciar, mas para deixar evidente sua condição: “Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.”² Contudo, o andamento da narrativa contraria a autoimagem que a personagem construiu para si mesmo e para sua família, e uma cena em particular expõe a humanidade e a capacidade intelectual de Fabiano e Sinha Vitória.

Essa cena pertence ao capítulo XII, denominado “Mundo coberto de penas”, que inicia pela apresentação da situação do bebedouro da fazenda, assolado pelas aves que vinham em busca da água. A narração, em terceira pessoa, resume o acontecimento: “as arribações [...] vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul” (p. 167). O parágrafo encerra-se com uma frase intrigante – “O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.” (p. 167) – pois inclui uma antropomorfização (“O sol chupava os poços”) e a atribuição de uma vontade humana aos animais (“aquelas excomungadas (...) queriam matar o gado”).

O parágrafo seguinte esclarece a origem da observação, que não procede do narrador em terceira pessoa, mas de Sinha Vitória: foi ela que “falou assim”, o que provocou a estranheza do marido, “achando a frase extravagante” (p. 167). Ele chega a acreditar que a esposa “não estava regulando”, pois é incoerente cogitar que “um bicho de penas [possa] matar o gado” (p. 167). Na sequência, conclui que era “impossível compreender a intenção da mulher” (p. 168), o que leva o narrador a introduzir, utilizando o discurso indireto livre, a reação do vaqueiro – “Um bicho tão pequeno!” (p. 168) – e, depois, o discurso indireto, ainda acompanhando o raciocínio da personagem: “Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la.” (p. 168)

² RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1938. p. 23 [Publicação fac-similar]. As demais citações provêm dessa edição, indicando-se o número da página onde se localizam. Procedemos à atualização ortográfica.

Um pouco mais adiante, no desenvolvimento do capítulo, o tema retorna, outra vez com o narrador valendo-se do discurso indireto livre: “Como era que Sinha Vitória tinha dito?” (p. 168). Então “a frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu” (p. 168). Agora o raciocínio do marido acompanha o pensamento da esposa:

As arribações bebiam a água. Bem. O gado curtia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas Sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Aquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas. (p. 168)

No processo de Sinha Vitória, rememorado por Fabiano, e no procedimento intelectual do vaqueiro, identificam-se dois movimentos de leitura: Sinha Vitória lê o real e o interpreta, atribuindo-lhe um significado, que expressa verbalmente. A Fabiano cabe interpretar a interpretação da esposa, a partir não apenas do testemunho presencial, mas de sua manifestação em linguagem. Em cada um dos passos, há uma leitura – a do real, por Sinha Vitória; a da manifestação verbal, por Fabiano, a quem compete entender o que falou a esposa e, depois, decifrar o que ela quis dizer. A segunda não se desenrola sem a primeira, mas, depois de exteriorizadas, as duas sustentam-se de modo independente.

Por sua vez, a compreensão de Sinha Vitória decorre de seu entendimento dos fatos – trata-se, como se anotou, de uma leitura do real. O procedimento de compreensão, em Fabiano, é intermediado pela esposa, pois é ela quem interpreta os acontecimentos; mas a operação pela qual o marido passa não é menos complexa, pois precisa refazer o percurso dela e chegar à sua própria manifestação linguística. Por isso, ele reproduz o raciocínio, entende seu sentido e ainda extrai alguma satisfação, pois se encanta com a “esperteza” da mulher, esperteza que ele igualmente vivencia. Trata-se, pois, igualmente de uma leitura, primeiro da frase enunciada por Sinha Vitória, depois do mundo – “coberto de penas”, como sugere o título do capítulo – que a fala sintetiza.

A cena exemplifica, portanto, o modo como funciona a leitura, independentemente da condição social ou cultural do indivíduo, correspondendo ao mecanismo de deciframento do mundo, que se metamorfoseia em linguagem verbal. E inclui ainda o entendimento da configuração linguística dada ao mundo, transformado em um significante a que se atribui um significado.³ “O mulungu

³ Sobre as noções de significante e significado, cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística General*. Trad. Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1969.

do bebedouro” estar coberto “de arribações” é um dado do real; afirmar que essas aves “queriam matar o gado” constitui uma interpretação do fato que só tem sentido porque se operacionaliza graças à fala de Sinha Vitória. Nessa situação, ela intermedeia a relação de Fabiano com o universo de que faz parte, sintetizando não apenas a acepção da leitura, como também a de mediação.

No ato de ler, estão presentes os dois movimentos – a relação com o mundo e a relação com a linguagem – como sugerem o comportamento de Sinha Vitória e de Fabiano. Paulo Freire sumaria o fenômeno de modo bastante claro, ao declarar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”⁴

DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA

Paulo Freire alude, no trecho citado, à “leitura da palavra”, referindo-se particularmente à alfabetização e ao letramento. Esse, usualmente, é estimulado pela escola, mas a condição para sua concretização é o conhecimento de mundo, cuja leitura simbólica resulta do distanciamento que o sujeito toma em relação ao universo que requer deciframento. Só então o indivíduo mostra-se apto à aprendizagem formal dos signos da escrita, que facultam a leitura de textos.

Outro segmento extraído da literatura encena o processo de alfabetização e letramento em um contexto que, à primeira vista, pareceria inverossímil, já que prescinde da escola e do ensinamento do professor. O episódio é vivenciado por Tarzan, protagonista da coleção de livros de aventuras do norte-americano Edgar Rice Burroughs. No começo de *Tarzan dos macacos*, primeiro volume da série, ainda bebê e abandonado na selva, após o acidente aéreo em que seus pais, emigrados da Grã-Bretanha e residindo na África, faleceram, o protagonista é acolhido por macacos, crescendo e educando-se entre os animais do bando.

Em uma de suas incursões pela selva, o agora garoto reencontra a cabana, antes habitada pelos pais, onde há livros. Sua atenção é despertada pelas letras e imagens impressas numa cartilha, levando-o ao desejo de entendê-las, o que se efetiva por meio da aprendizagem da leitura. A passagem do estado de iletrado curioso ao de alfabetizado dá-se de modo lento, decorrendo da circunstância de os sinais impressos, “pequenos insetos”,⁵

4 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. In: _____. *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados ; Cortez, 1982. p. 11-12.

5 BURROUGHS, Edgar Rice. *Tarzan of the apes*. <http://www.cs.cmu.edu/~rgs/tarz-7.html>. Acesso em 18 de novembro de 2011. As demais citações, em tradução nossa, provêm dessa edição

como os nomeia o narrador, despertarem seu interesse, porque aparecem a ele enquanto objetos ou coisas, não ainda enquanto signo ou grafema. Contudo, como é próprio à leitura, ele busca atribuir um sentido a cada um daqueles sinais, que nasce de sua combinação, formando vocábulos, portanto, transportando-os para o plano da linguagem.

O narrador detalha como se dão as descobertas, que supõem um raciocínio e uma interpretação. Inicialmente, Tarzan identifica as figuras impressas no livro:

Em suas mãos estava uma cartilha aberta em figura de um macaco similar a ele, mas coberto, exceto nas mãos e na face, com uma estranha pele colorida, pois assim pensou que fossem o casaco e as calças. Sob a figura estavam três pequenos insetos –
BOY [menino]

A seguir, ele estabelece relações entre os grafemas, avançando no que diz respeito à interpretação do significado das repetições:

E logo ele descobriu no texto sobre a página que esses três se repetiam muitas vezes na mesma sequência.

Ele aprendeu outro fato – que, comparativamente, havia muito poucos insetos individuais; mas eram repetidos muitas vezes, às vezes sozinhos, mas com mais frequência na companhia de outros.

Lentamente ele virou as páginas, examinando as figuras e o texto com a repetição B-O-Y. Presentemente ele encontrou debaixo de uma figura de outro pequeno macaco e um animal estranho de quatro pernas como o chacal mas diferente dele. Sob essa figura os insetos apareciam como:

A BOY AND A DOG [um menino e um cão]

Ei-los aí, os três pequenos insetos que sempre acompanhavam o pequeno macaco.

E assim ele progrediu muito, muito lentamente, pois foi uma tarefa difícil e laboriosa que ele colocou para si mesmo sem saber – uma tarefa que poderia parecer impossível para você ou para mim – aprendendo a ler sem ter o menor conhecimento de letras ou da linguagem escrita, ou a mais pálida ideia de que tais coisas existiam.

Só depois de refletir sobre as possibilidades de combinação é que Tarzan chega à decifração dos sentidos que se escondem por trás das letras:

Ele não conseguiu isso em um dia, ou em uma semana, ou em um mês, ou em um ano; mas lentamente, muito lentamente, ele aprendeu após ter se dado conta das possibilidades que recaem sobre aqueles pequenos insetos, de modo que, quando chegou aos quinze anos ele sabia as variadas combinações de letras que ali estavam para cada figura desenhada na pequena cartilha e em um ou dois livros de figuras.

A aprendizagem da leitura de textos, conforme exposta no livro de Edgar Rice Burroughs, não supõe a manifestação em voz alta, mesmo porque o uso da linguagem oral é bastante limitada entre os membros da coletividade de macacos com os quais vive Tarzan. Assim, tanto quanto prescindir do professor, dispensa a fala, o que pode tornar inverossímil o evento narrado no livro.

A inverossimilhança, porém, não compromete a importância do episódio, uma vez que é coerente com o modo como se concretiza a leitura. Dessa maneira, tal como se passa em *Vidas secas*, e lidando, também em Tarzan, com personagens que experimentam situações de vulnerabilidade – a economicamente desfavorecida família de Fabiano e o menino carente da companhia humana, ainda que acolhido amistosamente pelo bando de macacos –, o significado das cenas decorrem do modo como se expõe o processamento da leitura, nascida do distanciamento do indivíduo perante fatos ou coisas, o que suscita um empenho em decifrá-las. A existência de um mediador – humano e provido de expressão verbal, como Sinha Vitória, no livro de Graciliano; ou material e provido de imagens visuais e signos gráficos do alfabeto ocidental, como a cartilha, na ficção de Burroughs – estimula as operações mentais, e elas se configuram em uma leitura do ser que desencadeou a interpretação e a atribuição de um significado a ele.

Também a aprendizagem da escrita, em *Tarzan dos macacos*, acontece de modo voluntário e sem a interferência de um professor. Primeiramente, o garoto, agora com doze anos, encontra “uma porção de pontas de lápis”, identificando a seguir as propriedades desse objeto: “riscando sobre o tampo daquela com um deles, ficou deliciado em descobrir a linha preta que deixava atrás de si.” Depois de gastar o lápis e transformar o tampo da mesa “em uma confusão de garatujas e linhas irregulares”, decide conferir à sua atividade um novo objetivo: “Ele tentaria reproduzir alguns dos pequenos insetos que se espalhavam sobre as páginas dos seus livros.” Trata-se de “uma tarefa difícil”, pois ele manipula o lápis de modo inadequado, “como se agarrasse o cabo de uma adaga, o que não ajuda a escrever ou a dar legibilidade aos resultados.” Contudo, ao final, é bem sucedido:

Mas ele perseverou por meses, nas oportunidades em que pôde ir à cabana, até que, enfim, experimentando repetidamente, encontrou uma posição para segurar o lápis que melhor lhe permitia guiar e controlá-lo, de modo que pôde então reproduzir, rudemente, qualquer um dos pequenos insetos. Assim ele começou a escrever.

Esse trecho do episódio pode ser igualmente questionado, pois Tarzan aprende a copiar, e não propriamente a escrever, muito menos a redigir. Nem por isso é menos significativo, pois evidencia que, tanto quanto

Fabiano e sua esposa, Tarzan domina primeiramente a leitura, para depois se debruçar sobre as letras impressas. Impulsionado pelas letras e figuras impressas, o garoto é motivado a escrever. Em ambos os casos, a leitura prescinde da escrita, mas, como sugere a história de Tarzan, ela acaba por se introduzir no universo do menino. Os sertanejos ficam excluídos dessa etapa, mas estão conscientes de que ela virá a se impor, pois, ao se transferirem para a cidade, seus filhos “frequentariam escolas, seriam diferentes deles” (p. 196): “Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.” (pp. 196-197)

SE É LEITOR, É MEDIADOR?

Vidas secas não apenas encena a leitura do mundo por parte de figuras humanas que, aparentemente, estariam excluídas do universo da cultura, por não serem letradas. O romance sugere igualmente o modo primordial da mediação que se dá por meio do exercício da palavra, quando ela assume suas propriedades simbólicas. Assim, na frase enunciada por Sinhá Vitória antes destacada, “O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado”, estão presentes os elementos próprios à metáfora: é da natureza do calor do sol absorver a água, mas, ao transformar essa ação em “chupar”, a esposa de Fabiano estabelece a associação com o gesto humano de “sugar” e “exaurir”, esgotando a fonte de subsistência da família e antecipando a futura migração do local. Em uma única oração, Sinhá Vitória sintetiza a tragédia do retirante, condição de que sabe não poder escapar.

A mediação aparece no livro em outros de seus modos primordiais: a narração de histórias. Walter Benjamin, no ensaio “O narrador”, chama a atenção para a circunstância de que “experiência por que passa a pessoa” é a “a fonte a que recorreram todos os narradores”; destaca também que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. É a partir desse patamar comum a toda a narração, que estabelece o que chama de “representantes arcaicos” de duas “famílias de narradores”, caracterizada a primeira por indivíduos que vieram de longe e tem o que contar, e a segunda, pelo “homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. O ensaísta sumaria os tipos em duas figuras básicas: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”.⁶

6 BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 198-199. (*Obras escolhidas*, 1)

Quatro fatores compõem o modelo narrativo desenhado por Walter Benjamin: o relato nasce da experiência vivida pelo narrador; este está vinculado a camadas populares das sociedades tradicionais, não correspondendo, portanto, ao operário da sociedade industrial, mas ao lavrador ou ao viajante em contextos pré-capitalistas; a narração é transmitida por meio da oralidade; há proximidade entre o locutor e a audiência, a qual compartilha com quem conta a história a situação social, o padrão linguístico e as expectativas existenciais, reagindo de modo imediato ao que é narrado.

No modelo privilegiado por Walter Benjamin, a mediação dá-se, pois, tão somente pelo emprego da linguagem verbal, ainda que, em situações concretas, suponha a intervenção dos gestos e do corpo. O suporte predominante é a voz do locutor, que, somada à sua capacidade de transmitir acontecimentos, é determinante para o sucesso do empreendimento. Aparentemente simples por essa razão, a mediação por meio da veiculação oral requer uma tecnologia e um conhecimento que caracteriza, à sua moda, uma leitura de mundo.

Em *Vidas secas*, a narração de histórias por meio da oralidade está igualmente presente, indicando o funcionamento desse modo fundamental de mediação. Ela é apresentada no capítulo VII, “Inverno”, e tem como assunto um acontecimento vivido por Fabiano, que, tendo ido à feira da cidade comprar mantimentos, acabara passando uma noite da prisão. De volta a casa, relata, depois de algum tempo, o que aconteceu, mas o faz da sua perspectiva, transformando o caso em ato de heroísmo:

Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. [...]

.....
Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes.

[...] Fabiano, seguro, baseado nas informações dos mais velhos, narrava uma briga de que saíra vencedor. A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela. (pp. 98-99)

A cena transcorre à noite, quando a família está reunida ao pé do fogo, procurando vencer o frio decorrente da chuva que provocara a queda da temperatura. Os ouvintes mais atentos são os dois meninos, mas eles não têm a mesma opinião relativamente aos fatos narrados, pois, escutando “as lorotas do pai”, discutem “em voz baixa uma passagem obscura da narrativa”. O menino mais novo empolga-se com a narrativa, porém o mais velho começa a duvidar do narrador:

O menino mais velho estava descontente. Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. Mas surgira uma dúvida. Fabiano modificara a história – e isto reduzia-lhe a verossimilhança. Um desencanto. (p. 100)

A insatisfação do garoto cresce:

Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria com o irmão procurando interpretá-las, Brigaria por causa das palavras – e a sua convicção encorparia. Fabiano devia tê-las repetido. Não. Aparecera uma variante, o herói tinha-se tornado humano e contraditório. (p. 101)

Fabiano corresponde, nessa cena, ao narrador caracterizado por Walter Benjamin: relata uma experiência vivida, pertence ao universo rural pré-capitalista vigente no Brasil até boa parte do século XX, vale-se da oralidade e está muito próximo de sua audiência, formada por sua esposa e filhos, com quem divide a situação linguística, existencial e socioeconômica. Graciliano Ramos, da sua parte, acrescenta alguns elementos: ainda que os fatos narrados sejam verídicos, porque Fabiano conta o que lhe aconteceu, o narrador introduz sua fantasia e sonhos em meio aos eventos, comprometendo a verossimilhança: “A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela.” Contudo, a briga que anexa ao episódio provém de outra narrativa, transmitida a ele pelos “mais velhos”, conforme um processo de encaixe que refina seu relato. Esse, portanto, é híbrido, constituído tanto pela experiência direta quanto indireta, a que se soma a fantasia do locutor, em seu desejo de autopromoção compensatória à surra que apanhou na prisão.

O mediador, portanto, não é neutro, não porque expresse o que lhe ocorreu, mas porque singulariza a narrativa, fazendo-o a cada vez que a veicula, conforme percebe o filho mais velho, que se desencanta com as modificações propostas. Não se apresentando como mero filtro, o mediador se revela um leitor – tanto da trajetória pessoal, como da herança narrativa de que faz parte.

Outro elemento anexado por Graciliano às características propostas por Walter Benjamin diz respeito à tradução da reação da plateia. Sinha Vitória não parece particularmente interessada no conto do marido, mas os filhos, pelo contrário, acompanham os fatos, cada um à sua maneira. O menino mais novo, entusiasta, deleita-se com o que escuta; porém, o mais velho é um crítico severo, cobrando a falta de verossimilhança da história paterna, bem como a humanização do herói. Em capítulos anteriores, os dois garotos tinham antecipado essa recepção diferenciada, ao se apresentar, o primeiro, como admirador do pai, a quem deseja imitar, e o segundo, como questionador, buscando o significado da palavra “inferno”, para ele “um nome tão bonito” que não poderia servir “para designar coisa ruim” (p. 87).

Assim, também os filhos se comportam como “leitores”, respondendo de acordo com suas personalidades às sugestões do texto oralizado oferecido a eles. Não importa que o ambiente em que a ação relatada – o chão de terra, iluminado única e fragilmente pelo lume que Sinha Vitória procura manter aceso, para aquecer o grupo e resistir à friagem do clima – seja primitivo e precário; mesmo nesse meio, em que aparentemente se regride a uma condição ancestral, manifestam-se os indivíduos na plenitude de suas capacidades intelectuais, emotivas e sensoriais. É o que as faz humanos, porque sabem ler o mundo, representá-lo por meio da linguagem verbal, entendê-lo e reexperimentá-lo.

OUTROS MEDIADORES

Ainda que circule por meio da escrita e do impresso, a literatura brasileira é pródiga da representação dos modos de mediação por meio da oralidade. Na maioria das situações, mediadores e seus ouvintes não compartilham a situação de vulnerabilidade das figuras humanas de *Vidas secas*. *Histórias de Alexandre*, também de Graciliano Ramos e publicado em 1944, reúne contos do folclore nordestino expostos pela personagem que dá título ao livro, também ele pessoa de origem humilde que reside em uma modesta fazenda na companhia da esposa. Mas Alexandre não é um despossuído, nem lida com dificuldades de expressão similares às que caracterizam Fabiano e sua família. Pelo contrário, o narrador é fluente e matreiro, habilidoso ao contornar as incoerências de seus relatos, quando arguido pela audiência dos adultos que acodem a sua residência.

Mais frequente é a representação da mediação que tem por auditório uma ou mais crianças. Viriato Correia, em *Cazuza*, de 1938, ano também de *Vidas Secas*, expõe uma cena que sintetiza uma tradição de contação de histórias para a infância por parte de uma senhora idosa que conserva um patrimônio coletivo, fazendo por intermédio da oralidade e da proximidade entre o locutor e o público:

Vovó Candinha é outra figura que nunca se apagou de minha recordação. Não havia, realmente, mulher que tivesse maior prestígio para as crianças de minha idade. Para nós, era um ser à parte, quase sobrenatural, que se não confundia com as outras criaturas. É que ninguém no mundo contava melhor histórias de fadas do que ela.
Devia ter seus setenta anos: rija, gorda, preta, bem preta e a cabeça branca como algodão em pasta.

.....
Mal a noite começava a cair, a meninada caminhava para a casa da Luzia, como se se dirigisse a um teatro. Após o jantar, vovó Candinha vinha então sentar-se ao batente da porta que dava para o terreiro.

.....
Sentávamo-nos em derredor, caladinhos, de ouvido atento, como não fora tão atento o nosso ouvido na escola.

.....
Não sei se é impressão de meninice, mas a verdade é que até hoje não encontrei ninguém que tivesse mais jeito para contar histórias infantis.⁷

Antes de Candinha, muitas outras mulheres afro-brasileiras e idosas ocuparam essa posição na literatura brasileira, seja em livros de memórias, a exemplo da “velha Militina”,⁸ que comparece em *O meu próprio romance* (1931), de Graça Aranha, a “velha Totônia”,⁹ em *Meus verdes anos* (1956), de José Lins do Rego, ou a cozinheira da casa de Maria Helena Cardoso, em *Por onde andou meu coração* (1967),¹⁰ seja em obras de ficção, como em *A esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto,¹¹ ou *O professor Jeremias* (1920), de Leo Vaz.¹² Tia Nastácia, criação de Monteiro Lobato, pertence a esse rol de narradoras de origem popular, que desempenham o papel de guardiãs de uma tradição folclórica transmitida a futuros escritores.¹³ Na poesia, Ascenso Ferreira ilustra sua presença:

Felizmente, à boca da noite,
eu tinha uma velha que me contava histórias...
Lindas histórias do reino da Mãe-d’Água...
E me ensinava a tomar a bênção à lua nova.¹⁴

Duas diferenças, porém, se impõem, a primeira sendo a de gênero, como sugerem os exemplos mencionados.¹⁵ A segunda diz respeito à distinção de classe que se estabelece: as narradoras pertencem à camada popular, e várias delas são escravas ou ex-escravas; seu público, porém, faz parte dos grupos dominantes ou, ao menos, está mais bem colocado socioeconomicamente que as mulheres que o fazem integrar-se ao universo da ficção e da fantasia. Poucos souberam, como Graciliano Ramos, estabelecer a identidade de classe entre narrador e plateia, evitando uma clivagem que joga o produto narrado para a situação de inferioridade, porque associado à cultura oral, em oposição ao contexto dos ouvintes, educado e futuramente letrado, que relembra nostalgicamente a iniciação à literatura (e

7 CORREIA, Viriato. *Cazuza*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 24-25.

8 Aranha, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo: Nacional, 1931. p. 52.

9 Rego, José Lins do. *Meus verdes anos*. (Memórias). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 196.

10 Cf. Cardoso, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1967. p. 97.

11 Cf. Peixoto, Afrânio. *A esfinge*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923. p. 323.

12 Cf. Vaz, Léo. *O professor Jeremias*. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1921. p. 61.

13 Cf. LOBATO, Monteiro. *Histórias de tia Nastácia*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

14 Ferreira, Ascenso. *Minha escola*. In: _____. *Catimbó: Cana caiana: Xenhenhém*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. p. 38.

15 Cf. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

à leitura), consciente, contudo, de que esse mundo ficou para trás no tempo e na estrutura da vida nacional.

Eis por que as mediações passam a ser traduzidas pela introdução à escrita, contando com a escola como o espaço privilegiado para a efetivação do contato do leitor com o universo das palavras impressas. Mario Quintana recorda uma de suas manifestações, quando era obrigatória a leitura oral de textos literários:

Sim, havia aulas de leitura naquele tempo. A classe toda abria o livro na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o professor dizia “adiante!”, aí do que estivesse distraído, sem atinar o local do texto! Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do princípio ao fim da turma.¹⁶

Também escritor, José Lins do Rego transplanta a situação para o romance autobiográfico *Doidinho*, lembrando sua reação à literatura em circulação na escola:

Era um pedaço da *Seleta clássica*, que até me divertia. Lá vinha o Paquer quer rolando de cascata em cascata, do trecho de José de Alencar. (...) A “Queimada” de Castro Alves e o há dous mil anos te mandei grito das “Vozes da África” (...) Esses trechos da *Seleta clássica*, de tão repetidos, já ficavam íntimos da minha memória.¹⁷

A memória de D. Lavínia, entrevistada pela pesquisa conduzida por Ecléa Bosi, igualmente registrou, com nostalgia, as aulas de leitura em voz alta, que, de certo modo, fazem a passagem da narrativa oral e coletiva, de procedência popular, para a aquisição do texto escrito, compartilhado com o grupo:

Na aula de leitura ficava em pé e lia. Digo *mãs* e *pãra*, como o português faz, porque era errado pronunciar *más* e *pára*. Quem dizia *más* e *pára* levava uma chamada da professora. Lemos João Köpke, Silva Pinto...livros interessantes. Descrevíamos uma gravura em que um pai pergunta à filha, que faz anos, que presente ela quer. A menina pede a libertação dos escravos. A primeira lição, “Fraternidade”, conta a história de um irmão que na hora de repartir dava a parte maior para o outro. Eu pensava: “Por que razão devia ser a parte maior? Por que não em partes iguais?”¹⁸

É, contudo, a leitura silenciosa que vem a predominar, substituído o suporte da voz pela página impressa, e a experiência coletiva pela individual.

16 QUINTANA, Mario. *Leitura: redação*. In : _____. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja, 1977. p. 128.

17 Rego, José Lins do. *Doidinho*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 43.

18 Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1979, pp. 216-217

Os escritores são pródigos em transcrever, em poemas, crônicas ou livros de memórias, os momentos mágicos decorrentes da leitura de obras literárias. Um deles é Carlos Drummond de Andrade, em “Biblioteca Verde”:

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?¹⁹

Também o ficcionista João Ubaldo Ribeiro relembra os efeitos da aprendizagem da leitura e o acesso aos livros de ficção:

Duraram bem pouco, sim, porque de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis. Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa – e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.²⁰

Moacyr Scliar, em *Memórias de um aprendiz de escritor*, recorda as primeiras leituras, estimuladas pela família:

Desde pequeno estava lendo. De tudo, como até hoje: Monteiro Lobato e revistas em quadrinhos, divulgação científica e romances. Mesmo os impróprios para menores. Minha mãe tinha *Saga*, de Erico Veríssimo, escondido em seu roupeiro; naquela época, Erico era considerado um autor imoral. Falava em (horror!) sexo. Mas eu logo descobri onde estava a chave, e quando minha mãe saía, mergulhava na leitura proibida.

.....
Lia, lia. Deitado num sofá, o livro servindo como barreira entre eu e o mundo. Isto: o livro é uma barreira; mas é também a porta. A porta para um mundo imaginário, onde eu vivia grande parte do meu tempo²¹

A leitura, consolidada pela aprendizagem da escrita, acaba por assimilar a essa última o acesso às palavras veiculadas pelo suporte impresso,

19 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Biblioteca Verde*. In: _____. Menino antigo (Boitempo - II). Rio de Janeiro: Sabiá; José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. p. 130.

20 RIBEIRO, João Ubaldo. *Memória de livros*. In: _____. *Novas seletas*. Organização, apresentação e notas Domínio Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

21 SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro, Agir, 1984. p. 22.

levando muitas vezes a esquecer seu fundamento, bem como aos sujeitos que a inauguram.

PARA UMA POLÍTICA DE MEDIAÇÃO

A leitura funda-se na mediação, porque é suscitada pelo distanciamento entre o ser humano e o mundo que o circunda. Essa condição da leitura é exposta pelo mito adâmico, quando o primeiro homem nomeia as coisas de acordo com o significado que elas lhe manifestam, conforme sugere a interpretação dada por Walter Benjamin à narrativa bíblica.²² Depois do ato da criação, que culmina no aparecimento do homem, e ter descansado no sétimo dia, Deus determina que sua criatura nomeie todas as coisas que encontrar:

Havendo, pois, o Senhor Deus, formado da terra todos os animais do campo, e todas as aves do céu, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles.

Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos.²³

Na formulação do texto bíblico, está presente a atitude fundamental da leitura: ainda que o próprio Adão não esteja identificado com esse nome, o que só acontece após terem, ele e a mulher nascida de suas costelas, provado o fruto de “a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (2, 17, p. 8), o homem contempla “todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos”, isto é, todas as coisas vivas, e atribui-lhes uma denominação. Essa não é arbitrária e irreflexiva, mas resulta do reconhecimento do que constitui a identidade dos seres.

Responsável pela nomeação das coisas, Adão é leitor, como Sinha Vitória e Fabiano mostraram-se leitores, decifrando um sentido no mundo, ao qual conferem uma palavra, sob a forma de uma metáfora no caso do casal de retirantes. Outras modalidades de mediação mostram-se possíveis, desencadeadas por objetos impressos que requerem interpretação, deflagrando um emprego da linguagem. Podem igualmente ser induzidas, como ocorre na escola, ou desenvolver-se de modo voluntário e aprazível, à maneira dos futuros escritores, então crianças.

Não há, porém, a possibilidade da mediação e do conhecimento do mundo sem a aceitação da condição natural e irreversível do ser humano,

22 Cf. BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. In: _____. *Sobre arte, técnicas, linguagem e política*. Trad. Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

23 Gênesis 2, v. 19-20. *Bíblia*. Trad. João Ferreira de Almeida. s. l.: s. e., s. d. p. 8. A citação seguinte provém dessa edição, indicando-se o capítulo, o versículo e o número da página onde se encontra.

feito leitor desde o momento em que utiliza a linguagem – gestual, performativa, verbal, visual ou outra – pela primeira vez. A escola começa a participar da vida desse indivíduo quando é ele já um leitor, transformando-o em um letrado, por privilegiar a forma da escrita. Mas não é a iniciadora, nem a fundadora desse processo. Assim, a escola, bem como as políticas públicas não podem ignorar o patamar radical da leitura, para se apresentarem de modo competente e profícuo na existência dos indivíduos.

A literatura, que depende do sucesso desse empreendimento, capacitou-se para expressá-lo desde suas raízes, como sugerem os exemplos expostos. Que a sociedade siga a lição da literatura e beneficie-se, também ela, de seus efeitos emancipadores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Biblioteca Verde*. In: _____. *Menino antigo (Boitempo - II)*. Rio de Janeiro: Sabiá; José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.
- ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo: Nacional, 1931.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (*Obras escolhidas*, 1)
- BENJAMIN, Walter. *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*. In: _____. *Sobre arte, técnicas, linguagem e política*. Trad. Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1979.
- BURROUGHS, Edgar Rice. *Tarzan of the apes*. <http://www.cs.cmu.edu/~rgs/tarz-7.html>
Acesso em: 18 de novembro de 2011.
- CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1967.
- CORREIA, Viriato. *Cazuza*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- FERREIRA, Ascenso. *Minha escola*. In: _____. *Catimbó: Cana caiana: Xenhenhém*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. In: _____. *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1982.
- Gênesis*. Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. s. l.: s. e., s. d.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LOBATO, Monteiro. *Histórias de tia Nastácia*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

- QUINTANA, Mario. *Leitura: redação*. In : _____. A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1938. p. 23 [Publicação fac-similar].
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. (Memórias). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Memória de livros*. In: _____. Novas seletas. Organização, apresentação e notas Domínio Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística General*. Trad. Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1969.
- SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro, Agir, 1984.
- VAZ, Léo. Vaz, Léo. *O professor Jeremias*. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1921..